

Resenhas

BORNHEIM, Gerd. *Sartre: metafísica e existencialismo*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. 315 p. (Col. Debates).

A obra não é nova. Trata-se da segunda reimpressão da terceira edição (de 2000) que em boa hora a editora Perspectiva felizmente traz a lume. Quando olhares se voltam para Sartre, uma excelente – senão das melhores – iniciação ao pensamento do autor, que esclarece e instrui, aprofunda o que merece ser aprofundado e no momento correto, impede bruscas e indevidas interrupções na leitura, pela qualidade que salta à vista e, acima de tudo, não deixa nada intocado no pensamento de Jean-Paul Sartre. É este o livro de Bornheim.

O autor dispensa apresentações. Um dos maiores nomes do cenário filosófico brasileiro, recentemente falecido (2002), Gerd Bornheim graduou-se em Filosofia e obteve sua livre-docência na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em sua primeira estadia na Europa, estudou na Sorbonne (onde pôde ter aulas com Merleau-Ponty e Bachelard), em Londres e em Berlim. De volta ao Brasil, tornou-se professor titular da UFRS, até ser cassado em 1969, quando asilou-se na Europa onde, novamente, estuda e trabalha como professor visitante em diversas Universidades. Quando retorna ao Brasil, assume uma cadeira na UFRJ, onde leciona até sua aposentadoria em 2000.

Em sua obra sobre Sartre, o autor não esconde fazer uma leitura e especialmente uma crítica ao pensamento sartreano a partir de uma perspectiva heideggeriana. Em nada isto compromete a obra. Pelo contrário: a torna mais instigante. O tema que o guia permanentemente é o da metafísica e não se

pode perder de vista, em todo o livro, que é este o pano de fundo de Bornheim ao analisar Sartre. Na primeira parte, o autor traça considerações sobre o existencialismo de Sartre. Apresenta a “experiência instauradora”, os vários usos e significados da palavra Ser em Sartre, o problema do Nada, as estruturas da consciência, o célebre problema do tempo, além de discutir as relações com o outro, o corpo e a liberdade e a facticidade, a fim de delinear a moral e a axiologia sartreanas. O **Ser e o Nada** nunca foi tão completamente apresentado e explicado como aqui.

Na segunda parte, Bornheim se ocupa da destruição da metafísica, refletindo sobre a crise do fundamento e a impossibilidade da “dicção absoluta”. Estuda com precisão o Em-si como fundamento em Sartre e a natureza do fundamento, mostrando de que forma se radicaliza, em Sartre, uma espécie de platonismo.

A parte três, intitulada “metafísica e dialética”, conta com boas análises sobre o sentido da metafísica na **Crítica da razão dialética**, a concepção de linguagem e o problema de Deus em Sartre.

A presente obra de Bornheim não pode faltar na biblioteca básica de nenhum professor ou estudante de Filosofia. É óbvio que, por tratar-se de Sartre e Bornheim, a leitura não é absolutamente simples. O autor esforça-se, é verdade, para ser didático, explicando e re-explicando, contextualizando, rememorando freqüentemente que está no horizonte de um tema específico (a metafísica) e de uma obra específica (o **Ser e o Nada**), contudo é Sartre, sua linguagem e suas assumidas contradições que eventualmente exigem do leitor

mais do que apenas vontade e interesse de ler. É preciso já um certo convívio com a problemática metafísica, com o projeto (*se ele existe*) sartreano ou, em outras palavras, o livro não é uma introdução ao “marinheiro de primeira viagem” mas uma introdução para quem precisa de uma força a mais para continuar uma jornada já começada.

Fabiano Stein COVAL
Faculdade de Filosofia – PUC-Campinas

ROMANO, Luís Antônio Contatori. *A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2002. 368 p.

Trata-se de um valioso presente à comunidade intelectual a obra de Luís Romano. Formado em Economia, o autor vem dedicando a maior parte de seu trabalho intelectual, já há anos, ao existencialismo e em particular a Sartre. Mestre em teoria literária, sobre a obra do pensador francês, a presente obra é resultado do doutoramento em Letras do autor, quando investigou precisamente a passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil.

Evidentemente, o livro não consiste em mera narração ou “historiografia” da vinda Sartre ao Brasil, o que já seria, sejamos francos, uma grande obra, mas, além disso, o autor apresenta, analisa e discute questões absolutamente relevantes relacionadas ao existencialismo de um modo geral e ao pensamento de Sartre em particular.

A primeira parte da obra (Diálogo com o pensamento de Sartre no Brasil), traz dois excelentes capítulos sobre a crítica ao pensamento do filósofo no Brasil e a relação de Sartre com a América Latina. Para isso, recorda a introdução do existencialismo no Brasil, por Euríalo Canabrava,

as relações entre Sartre e Clarice Lispector, a juventude brasileira da década de sessenta e a revolução cubana, além de discutir temas como a natureza humana e os valores, para então se concentrar, em diferentes momentos, à crítica feita a Sartre e ao existencialismo pela Igreja Católica e a resposta de Sartre a tal crítica.

A segunda parte da obra é propriamente o itinerário brasileiro de Sartre e Simone de Beauvoir. Além da cronologia das viagens de ambos, Luís Romano descreve com riqueza de detalhes e aguda percepção todos os momentos da viagem: pelo nordeste, as visitas, entrevistas e encontros; pelo Rio de Janeiro, as conferências, visitas à favelas e a relação com a elite carioca; por São Paulo, novamente conferências, entrevistas, encontros com líderes sindicais e atividades literárias; finalmente, a visita a Minas Gerais, à Amazônia, a última entrevista e a partida para Havana.

Na terceira parte, em dois capítulos dividida, Luís Romano examina, a partir do existencialismo sartreano, o tema da literatura popular. Reflete as oscilações da literatura entre a ética e a estética e para isso investiga a função social e ideológica da literatura, a obra *Qu'est-ce que la littérature?* do próprio Sartre e a idéia de povo. Na seqüência, Romano aventura-se corajosamente pelo Universo da literatura popular no Brasil e, sempre sem perder de vista o horizonte das idéias estético-políticas do pensador francês, aponta as direções da literatura popular brasileira a partir das propostas de Sartre, em particular a idéia de *engagement* e de literatura popular como “arte superior”.

Essa filosofia da ação vincula-se ao Marxismo, daí decorre o superdimensionamento da função ideológica no campo da literatura. Sartre, a partir de *Qu'est-ce que la littérature?*, atribui ao escritor a missão de contribuir para a transformação da sociedade. [...]. Assim, do prosador pode-se exigir um compromisso: sua mensagem deve

estar comprometida com a atualidade de seus leitores. (p. 261).

Trata-se de um dos pontos altos da obra: provocativo e esclarecedor.

A quarta e última parte da obra concentra-se sobre o teatro sartreano. Em primeiro lugar, expõe as relações entre filosofia e teatro de situações, analisa principalmente a peça *Les séquestrés d'Altona* e o diálogo entre Sartre e Luigi Pirandello. No último capítulo, Luís Romano se debruça sobre Sartre e o teatro brasileiro e destaca-se o estudo que o autor faz de montagens de peças de Sartre no Brasil. A relevância do teatro sartreano pode ser observada, entre outros tantos momentos, na afirmação de Romano:

Já alguns anos antes da vinda de Sartre ao Brasil, sua obra dramática se tornara objeto de estudo de importantes críticos brasileiros. Sábato Magaldi, por exemplo, reconhecia, em ensaio publicado em 1956, o estreito vínculo entre o pensamento do filósofo e seu teatro: para Sartre o homem só se define pela ação e o teatro é essencialmente ação. (p. 299).

A partir de uma vasta bibliografia, que inclui mormente revistas e jornais da época da visita de Sartre e Simone de Beauvoir ao Brasil, o que constitui um material riquíssimo que pode auxiliar pesquisadores das mais diferentes áreas, e demonstra o nível admirável em que se situa a metodologia de Luís Romano e especialmente sua capacidade “costurar” coerentemente, com profundidade e clareza, um espectro tão variado de informações, o leitor brasileiro pode ter em mãos uma obra que, afirme-se sem hesitar, indispensável. Trabalho monumental em face ao qual todo adjetivo empalidece.

Fabiano Stein COVAL
Faculdade de Filosofia – PUC-Campinas

PATY, Michel. *D'Alembert*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. 224p. (Col. Figuras do Saber, vol. 11).

De singular importância se reveste a presente obra publicada na série de livros introdutórios a pensadores “Figuras do Saber, da editora Estação Liberdade. A simples leitura do prefácio à edição brasileira, escrito pelo próprio autor, já esclarece de forma assaz clara o porquê. D'Alembert é relativamente desconhecido no Brasil, há poucas obras dele e sobre ele em idioma vernáculo e no entanto D'Alembert foi uma das figuras centrais do século das luzes, um dos maiores nomes da **Enciclopédia**, genial difusor da obra e idéias de Newton, matemático e físico de excelência, filósofo sem o qual não haveria o positivismo de Auguste Comte, pensador completo. Por isso é extremamente valiosa e bem vinda a obra de Michel Paty.

M. Paty, graduado em física e filosofia (com doutorado em ambas as disciplinas), é diretor emérito do *Centre National de la Recherche Scientifique*. Tendo já lecionado no Brasil entre 1989 e 1990, atualmente é professor convidado do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo e autor de vasta obra sobre as relações das ciências (especialmente as exatas) com a filosofia.

Em seu livro sobre D'Alembert, ora objeto de nossa análise, M. Paty realiza no primeiro capítulo uma boa contextualização do Iluminismo, sem deixar de situar o filósofo dentro daquele movimento filosófico. Paty, ainda, explora com fineza a relação de D'Alembert e Diderot, a associação de ambos para empreender a **Enciclopédia** e, principalmente, em que D'Alembert é esquecido e lembrado.

D'Alembert, sem dúvida, não é totalmente desconhecido dos cientistas contemporâneos. O teorema da dinâmica, ou princípio de d'Alembert, ainda é mencionado nos cursos de

mecânica racional como tendo levado às equações de Lagrange; e os físicos utilizam quotidianamente o “operador d’alembertiano”, homenageando implicitamente o inventor do cálculo das derivadas parciais e da resolução do problema da equação das cordas vibrantes [...]. Mas raramente se sabe algo mais sobre sua obra científica. [...]. Sua obra literária hoje está esquecida [...]. (pp. 22 – 23).

O capítulo segundo é uma narrativa intitulada a “vocação do ge metra”, em que são apresentados os anos de formação de D’Alembert, as facilidades de estudo advindas de seu ingresso à Academia de Ciências em 1741, as primeiras publicações e aspectos da vida pessoal do filósofo “excessivamente emotivo, extremamente suscetível e de humor instável [...], pouco preocupado com dinheiro [...] e sensível aos elogios e   adulação” (pp. 46 – 47). Preocupava-se sua mãe por v -lo estudar sem parar e dizia: “Você será apenas um filósofo. E o que é um filósofo? Um louco que se atormenta durante a vida, para que falem dele depois que tiver deixado de viver.” (p.49).

Nos breves capítulos três e quatro, Paty discute as relações de D’Alembert com outros intelectuais, em particular Diderot, Condillac, Condorcet e Rousseau, as influências destes e de outros pensadores e cientistas (bem como de circunstâncias políticas e financeiras) sobre o filósofo e expõe com maior acuidade a heranç a de Descartes e Newton que recebeu D’Alembert em seu pensamento e sua obra.

O estilo matemático de análise é o objeto do capítulo quinto. Não se poderia dizer menos que “precioso” do presente capítulo aos que se dedicam   história e filosofia da matemática. Repleto de exemplos, o leitor conta com boas exposições sobre as equa es com derivadas parciais e teoria das funções e ainda sobre a epistemologia que gera e ao mesmo tempo   impregnada pela matemática de d’Alembert.

Os capítulos seis, sete e oito explicitam a física d’alembertiana e, aos filósofos da física e cosmólogos, a exposição de Paty é interessante e excelente. Inicialmente, temos a teoria da dinâmica (livre de pressupostos metaf sicos) do filósofo, em seguida podemos conhecer as idéias de d’Alembert sobre o movimento dos fluidos e a questão das derivadas parciais, com referências   hidrodinâmica, aos ventos e às marés para, então, conhecermos a teoria dos equinócios, os estudos sobre o movimento da lua em particular e dos “três corpos” em geral.

Do capítulo quinto, quarto, mais precisamente, ao capítulo oitavo,   possível se fazer uma idéia da amplitude e importância do pensamento de d’Alembert. Referi-me a filósofos da matemática e da física e neste ponto é preciso ser mais generalista: filósofos da ciência encontram aqui um material de inquestionável enriquecimento e provocação.   possível restituir a d’Alembert o seu legítimo posto entre os grandes pensadores da história;   impossível não querer saber mais sobre este pensador completo.

A abordagem estritamente filosófica da obra de d’Alembert tem início no capítulo nono, precisamente no qual Paty esforça-se por deixar patente as relações entre ciência e filosofia no conjunto do pensamento do filósofo. Com efeito, o autor demonstra como d’Alembert considerava a matemática não a única ciência mas a fonte de clareza no uso de conceitos em qualquer ciência ou investigação.

Com isto, estamos preparados para o décimo capítulo, sobre a teoria do conhecimento d’alembertiana e, especialmente, sua crítica   metafísica, fundada sobre uma filosofia naturalista do conhecimento, paradigmaticamente exposta no discurso preliminar da *Encyclopaedia*, assunto que Paty desenvolve no capítulo und cimo, concentrando-se mormente sobre as relações, nem sempre amistosas, que se ocultavam atrás das páginas da magnífica obra do Iluminismo francês.

Paty conclui, no duodécimo capítulo, explorando a herança de D'Alembert. Fala de seus discípulos, de teorias que, ainda quando gestadas, não encontrariam a luz a não ser pelas contribuições de d'Alembert, de idéias impressionantemente atuais, de um talento literário que provocou admiração em Goethe, de cientistas e filósofos (uma lista quase inumerável) que foram influenciados pelo pensador iluminista e termina com um certo desabafo:

[...] a obra de d'Alembert, na diversidade de suas dimensões, não recebeu, em geral, por parte dos historiadores e dos filósofos, uma atenção suficiente. Estudos relativamente recentes sobre ele e sobre seus contemporâneos ou seus sucessores contribuem para fazer ver melhor a importância desse pensador, cientista e filósofo, não só para a história das ciências, mas também para a das idéias, tanto filosóficas como sociais. (p. 212)

Paty, de forma exemplar, é um dos que contribuem para este "ver melhor" a importância de d'Alembert, de modo que a leitura de sua pequena-grande obra, certamente muito mais do que uma simples introdução, é inevitável aos estudantes e utilíssima aos pesquisadores de diferentes áreas, da Filosofia à Matemática.

Fabiano Stein Coval

Faculdade de Filosofia – PUC-Campinas

TADIÉ, Alexis. *Locke*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. 208 p. (Col. Figuras do Saber, vol. 10)

A relevância de John Locke no panorama das idéias filosóficas é inquestionável. Além de ser

um dos fundadores do empirismo, sua influência sobre o Iluminismo francês, suas teorias políticas, suas críticas ao pensamento cartesiano e seu incansável embate contra toda forma de dogmatismo ou intolerância fazem de Locke, ainda hoje, um referencial incontestável. Diferentes correntes da filosofia contemporânea lhe são devedoras (nem sempre confessas). Apresentar o credor de uma forma ampla e agradável, destacando a supra mencionada relevância é o objetivo a que se propõe Alexis Tadié em seu **Locke**.

Professor de literatura inglesa na Universidade de Paris 7 – Denis Diderot, Alexis Tadié não deixa de acentuar sua "convivência" mais literária do que filosófica com John Locke. O que não resulta, longe disso, em um conjunto de comentários puramente literários a respeito do importante pensador britânico, mas em uma autêntica introdução à leitura das principais obras de Locke e em uma interpretação no mínimo instigante das idéias deste.

A introdução é um valioso meio para compreendermos o contexto em que Locke viveu e escreveu bem como o que A. Tadié chamou de "Locke francês" e prossegue:

Ele foi discutido, admirado, refutado e defendido durante todo o século XVIII. A filosofia, mas também a estética e a teoria da linguagem, o pensamento político e certas discussões religiosas, enfim, toda cultura se tornou lockeana. Ele estabeleceu os termos do debate. (p. 18).

Tadié explora à exaustão as influências de Locke sobre os mais diferentes pensadores, o impacto das idéias do filósofo sobre as mais diferentes teorias e acontecimentos. "Ele é o inspirador dos enciclopedistas, responsáveis pela revolução". (p. 18). Ainda na introdução, Tadié é muito feliz ao investigar o "projeto lockeano" e explicá-lo a partir de eixos fundamentais: o conhecimento e a verdade, o estatuto da filosofia

frente às ciências, a crítica da linguagem e a reforma do vocabulário, a natureza humana e daí a política e a moral.

A seqüência dos temas abordados por Tadié, entretanto, não é exatamente esta. Principia (pp. 31 – 80) por analisar as reflexões de Locke sobre o governo civil (capítulo primeiro) e, evidentemente, expor os **Dois célebres tratados sobre o governo civil** (1689). Demonstrando, primorosamente, a evolução do pensamento político de Locke (em comparação com escritos anteriores, não publicados), Tadié enfoca a questão da desobediência civil, que caracteriza em boa parte os **Dois tratados**, e o problema da separação entre política e religião, um dos corolários máximos do liberalismo, que aparece modestamente nos **Tratados** para serem teorizados com toda força e eloqüência na **Carta sobre a tolerância**. A análise do primeiro tratado, atualmente esquecido e/ou negligenciado, no tocante ao problema da autoridade e a descrição do debate Locke – Filmer é assaz útil. Não poderia faltar, evidentemente, digressões sobre a lei natural, a origem da sociedade civil e o contratualismo lockeano. Sem perder a articulação com o primeiro tratado, Tadié avança pelo segundo com segurança, não deixando nada a desejar quando apresenta suas interpretações sobre o estado de natureza, a propriedade e o poder político. Apesar de sucintas, são valorosas as indicações de Tadié sobre as atuais interpretações do pensamento político de Locke, já que ele “não ofereceu um sistema logicamente organizado” (p. 75). Apenas a título de exemplo, acompanhemos por um instante o discurso de Tadié:

Uma das grandes correntes da interpretação moderna é de inspiração marxista, ilustrada, por exemplo, pelo livro **A teoria política do individualismo possessivo** [...] que privilegia a teoria da propriedade. [...] [David] McNally insiste na transformação do comércio e da economia agrária para mostrar que a visão lockeana

da economia é de tipo capitalista agrário, em que o papel principal é reservado ao proprietário fundiário. [...]. Oposta a essa tradição, uma corrente de análise busca na teoria de política de Locke o fundamento da doutrina liberal ou, ainda, a defesa do sistema parlamentar. [...]. Aqui, o acento recai sobre as relações entre indivíduo [...] e comunidade, [direitos e deveres]. (p. 75 – 76).

O breve e lúcido segundo capítulo permanece na esfera política, apresentando a **Carta sobre a Tolerância**. Embora a **Carta** tenha sido escrita com uma finalidade primordialmente religiosa, são inevitáveis suas aplicações no campo da política e das idéias de um modo geral, pois “nela Locke define o papel e a extensão do poder do magistrado, que não pode em nenhum caso interferir no domínio das opiniões ‘especulativas’[...]” (p. 81).

As idéias, objeto do terceiro capítulo, são examinadas exaustivamente afim de apresentar de modo completo, ainda que introdutório, a teoria do conhecimento no pensamento do filósofo. Explica as refutações do inatismo elaboradas por Locke, a formação e as características das idéias simples, das idéias complexas e das idéias abstratas para, só então, analisar as idéias como imagens e como objetos do pensamento. Uma leitura atenta do capítulo é fundamental para que se possa avançar, pois na teoria das idéias lockeana reside o fundamento de seu ceticismo quando ele se dirige para a noção de substância, tema do quarto capítulo.

O conceito de substância em Locke é dos mais complexos e obscuros e, da sua filosofia, foi a questão que mais suscitou debates. Tadié examina precisamente a argumentação que permite a Locke afirmar que todo significado que damos à palavra substância é uma suposição incerta. O problema do corpo, herança de Hobbes e do materialismo de um modo geral, e das essências são o caminho

que permite a Tadié oferecer sua interpretação da teoria da substância em Locke.

O capítulo cinco apresenta como título “o conhecimento”. Chama a atenção o fato de Tadié não ter situado a matéria logo após o capítulo sobre as idéias. O problema da substância, entreposto aos dois capítulos, não parece ser indispensável, muito pelo contrário. Por isso, seria razoável que o leitor fosse do capítulo três diretamente para o quinto, deixando o capítulo quatro, sobre a substância, tema mais complexo, para após o quinto. Apesar desta avaliação, sobre a qual posso estar equivocado, voltemos ao capítulo cinco. Partindo da noção de idéia, Tadié investiga os graus do conhecimento em Locke, a saber, o conhecimento intuitivo, o demonstrativo e o conhecimento sensível. Explora, então, os tipos ou modalidades em que se pode classificar o conhecimento humano: identidade ou diversidade, relação, coexistência e existência real. Tadié impressiona pela clareza com que trata desta classificação, não tão fácil de ser apreendida em Locke. A maior parte do capítulo é dedicada a dois assuntos fundamentais no pensamento do filósofo: os limites do conhecimento, grande objetivo da gnosiologia lockeana, e a noção de crença (e qual a relação desta com o conhecimento), como corolário daquele primeiro assunto. Tadié conclui com uma discussão sobre o significado mais amplo do empirismo em Locke e afirma:

Se todo conhecimento tem seu fundamento na experiência (as idéias dadas pela sensação ou pela reflexão), Locke distingue entretanto o conhecimento demonstrativo, que dela se afasta legitimamente. Mais precisamente, ele

vê no trabalho do entendimento o elemento essencial que permite passar da recepção passiva das idéias simples à constituição do conhecimento. É nesse sentido que ele pode ser considerado como propondo uma versão fraca do empirismo. (p. 162).

A identidade das coisas e a identidade pessoal são sumariamente abordadas no capítulo seis (p. 163 – 178) e no capítulo sétimo Tadié trata da linguagem e suas relações com o pensamento e o saber.

Na conclusão, o autor procura responder ao problema da unidade do pensamento de Locke e, apesar de deixar a desejar sobre esse ponto, é feliz ao encontrar ou defender o encontro daquela unidade no conceito de indivíduo e sua importância na obra de Locke e, acima deste, a importância e atualidade do próprio pensamento de John Locke.

Em mais este volume da coleção “Figuras do Saber”, temos a excelente oportunidade de conhecer o pensamento do importante filósofo britânico. A coleção se pretende introdutória e de fato cada volume o é, mas não perde uma certa grandeza, ao menos no presente livro de, na leitura, nos envolver com o pensamento do filósofo e nos fazer desejar saber mais. Neste sentido, a obra é perfeitamente recomendada para uso em aulas e para qualquer pessoa interessada em conhecer a importância e atualidade do filósofo e, ainda, ter acesso a uma bibliografia fundamental.

Fabiano Stein COVAL
Faculdade de Filosofia – PUC-Campinas

